

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Exmo. Sr. Presidente da Câmara

Exmos. Senhores Vereadores,

Exma. Sra. Presidente de Junta de Freguesia

Exmos. Srs. Deputados municipais e da freguesia

Exmos. Srs Representantes das instituições do Concelho

Caras e caros alpiarçenses

Em nome dos representantes do partido socialista na Assembleia Municipal de Alpiarça, estamos aqui para recordar e comemorar aquela “madrugada inteira e limpa” em que um capitão, com apenas 30 anos não cumpridos, marchou de Santarém para Lisboa, à frente de um grupo de jovens militares que, com ele, sonharam um Portugal melhor, um Portugal livre e democrático, um Portugal onde não tivessem de partir para uma guerra mutiladora e distante e onde os seus pais pudessem viver sem o medo da prisão e da tortura.

Estamos a comemorar 45 anos sobre a “*data primeira da democracia que hoje somos*” (conforme o discurso Sr. Presidente da República, em 25 Abril de 2018)

E como, há um ano, referiu o Sr. Presidente da República, cumpre-nos “*assinalar e agradecer*”.

Assinalar “que sem o 25 de Abril de 1974 teria sido “*mais longo, mais sofrido, mais complexo o estertor da ditadura e, sobretudo o compasso de espera pela liberdade e pela democracia*” (discurso Sr. Presidente da República, 25 Abril de 2018)

Agradecer, em cada ano que passa, “*aos capitães de Abril, que deram o passo sem o qual a devotada luta de tantas décadas continuaria um sonho adiado*” (discurso Sr. Presidente da República, 25 Abril de 2018)

.

Neste agradecimento não queremos deixar de contemplar especialmente todos os alpiarceses que antes de 25 de Abril de 1974, foram mártires e heróis da luta antifascista e que, num combate difícil, pleno de heroísmo e de sacrifícios, empenharam todas as suas energias para que a bandeira da liberdade pudesse um dia ondular no nosso Portugal, e se tornaram, eles próprios, símbolos da luta de um povo que não se vergou perante a ditadura e o obscurantismo a que o Estado Novo nos queria subjugar.

Abril não foi, não é, não pode ser, apenas um sonho de um povo que queria ser livre.

Abril foi beber a sua inspiração a um conjunto de valores éticos e sociais que privilegiam os princípios da revolução francesa do século XVIII, de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Por isso, 45 anos passados, quase meio século, temos todos de perceber que é “mais o que nos une do que aquilo que nos separa”.

Vivemos hoje em democracia e em liberdade.

Mas tanto uma como outra são frágeis. Estamos a perceber isso em cada dia que passa, com exemplos que nos vêm da fulgurante ascensão de partidos de extrema direita em países onde tal parecia improvável, com a intolerância face a migrantes e refugiados, com a globalização informativa eivada de notícias falsas (as designadas fake news), com as redes sociais pejudicadas de perfis falsos e difamadores, com o populismo agressivo e mesquinho.

Sabemos que a liberdade é um direito, mas os direitos terão sempre de ser conquistados e, após conquistados, preservados e defendidos em cada momento e em cada local onde os cidadãos se façam representar.

Estamos perante o ideal da democracia participativa, onde a legitimidade das decisões políticas é pautada pelo debate entre cidadãos livres e em condições igualitárias, orientada

pelos princípios da inclusão, do pluralismo, da igualdade de oportunidades, da autonomia e da justiça social.

Vimos, pouco tempo após o 25 de Abril, que uma nova ditadura estava preparada para reverter os ideais do movimento dos capitães.

É esta realidade evolutiva das liberdades que exige a todos nós, cidadãos, um permanente empenho, com a presença assídua na mesa de voto, com o associativismo, com o fazer ouvir a nossa voz em reuniões de Câmara, de Assembleia Municipal, ou nas ruas, se tal for necessário.

Já dizia Almeida Garrett, que “*o maior inimigo da liberdade é o indiferentismo*”.

A democracia alimenta-se do exercício do espírito crítico e da autonomia do pensamento, da participação plena dos cidadãos, de saber ouvir e dar voz aos que argumentam com fundamento, e do contra-argumento com os que usam a demagogia e o populismo ou exploram a mesquinhez e o insulto.

Mas a liberdade não se concretiza apenas fazendo ouvir a nossa voz. Concretiza-se pela confiança que depositamos em quem nos representa, para que possamos usufruir dum estado social que nos assegure uma vivência digna, com possibilidade de, com o nosso trabalho, assegurarmos um rendimento que nos permita essa vivência, que nos proteja

na saúde, que ampare e auxilie os mais desprotegidos, que atenda os grupos sociais mais vulneráveis, especialmente as crianças e os idosos.

A liberdade não é apenas a abolição da tirania dos mais fortes é, sobretudo, a transformação do sonho em realidade e o reforço da esperança de um dia melhor depois do outro.

O 25 de Abril esteve na génese do Poder Local democrático.

E, este foi uma das grandes conquistas da nossa democracia. Um Poder Local que se pretende representativo da população, democrata e autónomo. Que se pretende que seja um dos maiores motores de progresso e modernização do país, associado à ideia de prossecução de interesses próprios das populações por órgãos representativos, democraticamente eleitos.

Hoje, exigem-se autarquias que sejam o baluarte da boa gestão pública, que liderem o processo de melhoria das infraestruturas de cada localidade e que preparem o futuro das gerações vindouras. Ao Poder Local compete garantir o progresso em benefício das populações, prossequindo caminhos de proximidade e, simultaneamente, de ligação ao Poder Central.

Para tal, não deve o Poder Local escusar-se a assumir competências em áreas chave como a saúde, a educação, a cultura, o desporto, o lazer, as infraestruturas básicas,

como o abastecimento de água, o saneamento e a higiene pública, a manutenção das vias de comunicação, a energia elétrica. E, sobretudo, não deve escusar-se a colaborar com a Comunidade Intermunicipal em que e insere, em realizações do interesse comum das populações.

Recusar algumas competências, apenas por motivos políticos, sem uma análise profunda da realidade, não nos parece de todo a melhor medida.

Também, após 45 anos de Poder Local democrático, não nos parece que se trilhem caminhos de democracia usando métodos dos obscuros 48 anos de ditadura fascista, como a perseguição dos que ousam ter uma voz diferente, ou não cumprindo o que é aprovado em órgãos da soberania local. Todos conhecemos o que se tem passado com funcionários da nossa autarquia e com um dos mentores de uma das mais valiosas infraestruturas da nossa terra, só porque ousaram integrar uma lista da oposição. Não dar cumprimento a uma deliberação de um órgão autárquico é o oposto da democracia, é prepotência, é uma forma de ditadura.

O Poder Local deve ser exercido com mente aberta, tanto aos elogios como às críticas construtivas. E, em cada realização, em cada obra, deve ter em atenção o património existente e o que se vai transmitir aos vindouros. Para que

se faz e como se deve fazer, sem descaracterizar ou adulterar o passado.

Porque o passado da nossa terra é muito valioso. Foi construído por homens e mulheres que não se vergaram perante a adversidade e o medo. Por homens e mulheres que viram mais longe, que um dia foram alicerces da República, como José Relvas, ou resistentes à ditadura de Salazar e Caetano.

Somos um povo de têmpera, herdeiros dos portugueses que, sulcando os mares, deram novos mundos ao mundo.

Os portugueses foram pioneiros na globalização, mas sempre tiveram dificuldades e nunca se deixaram derrubar.

Os portugueses, em geral, e os alpiarçenses, em particular, saberão cumprir abril.

Saberão continuar a assinalar e a agradecer.

Não quero terminar esta intervenção sem vos deixar umas palavras que eu não saberia dizer tão bem. São de um ilustre pedagogo, ex-secretário de estado da educação, que há dias as publicou numa rede social e a quem pedi autorização para as reproduzir aqui:

Do Professor Domingos Fernandes:

“uma incendiada paixão de gente que se ergueu na madrugada ardente. maré alta de sensuais corpos bailantes nas cidades largas. gargantas roucas das bocas ao vento soltando proibidas canções. abril como despertar de um país puro e fecundo. como definitiva inundação do mar da renascida liberdade”.

Viva o 25 de Abril,

Viva Alpiarça,

Viva Portugal.

Maria Graciete Brito

24 de abril de 2019